

O queer de Bom Crioulo (1895) nas traduções francesas: Subvertendo o título de Adolfo Caminha

Queering Bom Crioulo (1895) in French translations: Subverting Adolfo Caminha's title

André Luís Leite de Menezes

Universidade Federal de Santa Catarina

Marie-Hélène Catherine Torres

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

Focalizamos neste artigo as traduções para o francês do romance brasileiro *Bom Crioulo* (1895) de Adolfo Caminha: *Rue de la Miséricorde* (1996; 2007), de Maryvonne Lapouge-Pettorelli, e *Un amour d'ébène* (2010), de Alexis Pereira de Gamboa. Apesar de ser considerada uma precursora na abordagem de um protagonista negro e homossexual sob a perspectiva naturalista, a obra adquire uma nova dimensão na segunda metade do século XX ao integrar-se ao cenário literário internacional. Nosso objetivo consiste em investigar em que medida as escolhas dos títulos nessas traduções proporcionam interpretações subversivas, a partir do paradigma queer, em relação ao título original proposto pelo autor. Para tanto, tratamos de investigar os discursos associados a essas traduções, provenientes de editores, tradutores e outros agentes literários, a fim de explorar questões para além das dimensões linguísticas e literárias, abrangendo aspectos políticos e socioculturais. Por fim, contamos contribuir para o diálogo entre a tradução e os estudos queer, discutindo de forma crítica o papel da tradução na atualização do romance, especialmente no que diz respeito às questões de gênero e sexualidade, levando em consideração as especificidades do contexto latino-americano.

André Luís Leite de Menezes

Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET), na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Marie-Hélène Catherine Torres

Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina e permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET). <https://orcid.org/0000-0001-9263-0162>

Recebido em:
04/02/2024

Aceito em:
16/08/2024

AGOSTO/2024
ISSN 2317-9945 (On-line)
ISSN 0103-6858
p. 42 - 59

PALAVRAS-CHAVE

Adolfo Caminha. Bom Crioulo. Rue de la Miséricorde. Un amour d'ébène.
Tradução literária queer

ABSTRACT

The purpose of this text is to outline discussions around the French translations of Adolfo Caminha's Brazilian novel *Bom Crioulo* (1895): *Rue de la Miséricorde* (1996; 2007) by Maryvonne Lapouge-Pettorelli, and *Un amour d'ébène* (2010) by Alexis Pereira de Gamboa. While acknowledged as a pioneering work for its portrayal of a black and homosexual protagonist from a naturalistic perspective, the relevance of the novel expands in the latter half of the 20th century as it assimilates into the international literary landscape. Our primary objective is to scrutinize the extent to which the title choices in these translations offer subversive interpretations, grounded in a queer paradigm, in comparison to the original title proposed by the author. In pursuit of this goal, we delve into the discourses surrounding these translations, emanating from publishers, translators, and other literary agents. This exploration extends beyond linguistic and literary dimensions to encompass political and sociocultural aspects. Ultimately, our contribution aims to enrich the discourse between translation and queer studies, engaging in a critical discussion of the translation's role in the novel's evolution, particularly in addressing gender and sexuality issues. This analysis takes into consideration the unique contextual nuances of the Latin American milieu.

KEYWORDS

Adolfo Caminha. Bom Crioulo. Rue de la Miséricorde. Un amour d'ébène.
Translating Queer Literature

1. Introdução

A história de *Bom Crioulo* foi marcada por uma reviravolta há quase um século depois de sua primeira publicação, em 1895. A editora californiana Gay Sunshine Press teve por mérito o pioneirismo de estabelecer o romance de Adolfo Caminha dentro de um cânone gay internacional através de sua primeira antologia *Now the volcano* (1979), inteiramente dedicada a autores masculinos da literatura latino-americana.

Figura 1: Capa da antologia *Now the Volcano* (1979)



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Essa antologia, contudo, incluía apenas trechos da obra, que contavam com a tradução de Erskine Lane, apresentando duas partes condensadas da narrativa: os eventos que precederam a sedução do jovem grumete Aleixo por seu bom Amaro, ainda a bordo do navio, na noite antes de chegarem ao Rio de Janeiro, e os acontecimentos subsequentes à vida deles em terra firme, na rua da Misericórdia. Posteriormente, a Gay Sunshine lançaria a versão integral em 1982, *Bom-Crioulo: The Black-Man and the Cabin Boy*, que chama atenção pelo título “diferente”.

O trabalho dessa primeira tradução estadunidense ficou a cargo do poeta canadense Edward Lacey,¹ uma espécie de “Peter Pan”, segundo Braz (2018, p. 307), conhecido por “perseguir suas aventuras sexuais” aos seus 30 anos em terras exóticas, temendo estar envelhecendo. Braz (2018, p. 300) afirma que essa espécie de “turismo queer”, além das experiências sexuais exóticas, forneciam *insights* de textos para novos projetos literários, uma vez que o viajante do hemisfério norte passa a ser transformado por suas interações com sujeitos de culturas estrangeiras, embora sejam marcadas por relações socioeconômicas desiguais.

Domínguez-Ruvalcaba (2016, p. 158), por sua vez, observa que esse “turismo queer” é motivado pela construção de um “produto exótico” que promete aos seus consumidores uma “rara experiência sexual-cultural”, entendida como o “consumo da alteridade” marcado pelo erotismo e pelo etnocentrismo:

A sexualidade do amante macho ou latino tal como é retratada nos arquivos colonialistas, que atribui primitivismo e alguma força natural aos corpos pré-modernos apreendidos, é ressignificada na versão neoliberal do colonialismo enquanto mercadoria. Se [...] a cultura gay e lésbica tem sido uma das subculturas mais globalizadas a ponto de pessoas associadas a essa identidade terem mais em comum com outras ao redor do mundo do que com suas próprias sociedades, podemos então dizer que a cultura gay globalizada integra os menos favorecidos à sexualidade pré-

¹ Sua coletânea poética *The Forms of Loss* (1964) é considerado o primeiro livro abertamente gay publicado no Canadá.

-moderna, pré-gay, machista, para então realizar uma prática cultural colonialista (Domínguez-Ruvalcaba, 2016, p. 158). [tradução nossa]²

Isso fica evidente quando vemos a capa da primeira tradução de *Bom Crioulo*, em que vemos Aleixo reclinando-se passivamente no parapeito de uma janela como se convidasse o protagonista Amaro e o consumidor imaginário a penetrá-lo, como um mero objeto de prazer, perpetuando, na visão de Zamostny (2011, p. 88), as relações desiguais de poder denunciadas por Caminha ao enfatizar as dimensões negativas do olhar erótico.

A adição de *the cabin boy* [“menino camareiro” ou “menino do convés”] ao título em inglês não passou despercebida às análises de Mazzei (2007, p. 37), considerando que, em português, “grumete” indica, no contexto náutico, apenas uma posição hierárquica inferior à de marinheiro, ao passo que em inglês há pelo menos duas possibilidades de tradução: *recruit/private*. Em sua visão, ao empregar *cabin boy*, o tradutor (e o editor) deixa(m) bem visíveis suas intenções, não apenas no título, mas em diversas passagens, de reforçar ainda mais o status de menor de idade da personagem, amplificando “o tropo colonial tradicional do sexo entre homem-menino”.

Figura 2: Capa da tradução *Bom-Crioulo: The Black-Man and the Cabin Boy* (1982)



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Na mais recente edição crítica de *Bom Crioulo*, lançada no Brasil pela editora Todavia em 2019, o estudioso James N. Green, conhecido por sua obra intitulada *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, pioneira na área da sociologia e nos estudos queer, escreve na

2 “The macho or Latin lover’s sexuality as portrayed in the colonialist archives, which assign primitiveness and some natural force to the perceived premodern bodies, is resignified in the neoliberal version of colonialism as a commodity. If [...] gay and lesbian culture has been one of the most globalized subcultures to the point that people affiliated with this identity have more in common with others around the world than they have in common with their own societies, we can then say that gay globalizes culture subsumes poor locals from the premodern, pre-gay, macho sexuality and then performs a colonialist cultural practice.”

introdução que “Adolfo Caminha nunca poderia imaginar que seu romance [...], publicado em 1895 e escrito quando o autor tinha apenas 27 anos, seria considerado um clássico da literatura brasileira” (GREEN, 2019, p. 7). No final do século XIX, o “garboso” e polêmico escritor já havia provocado certo furor ao ter publicado dois anos antes *A normalista*, romance que retrata a história de uma órfã vítima de abuso pelo padrasto, além de um relato de viagens intitulado *No País dos Ianques*, no qual descreve suas experiências na Marinha durante uma viagem oficial aos Estados Unidos. Mas foi somente com sua terceira obra que o autor atingiria o auge da controvérsia, tanto entre importantes críticos literários quanto nas Forças Armadas do Brasil.

Valentim Magalhães e Cláudio de Souza, dois dos críticos literários mais proeminentes da capital, acabaram com o *Bom Crioulo* em resenhas que circularam em vários jornais, por conta da temática “pornográfica” do livro [...]. Os detratores de Caminha ficaram horrorizados com o assunto do romance: a relação sexual e romântica entre Amaro, um escravo foragido que entra para a Marinha brasileira, e Aleixo, um grumete que faz parte da mesma tripulação (GREEN, 2019, p. 7).

Apesar de ter alcançado a considerável marca (para a época) de 5 mil exemplares vendidos em sua primeira edição,³ a breve carreira literária de Caminha, somada à sua morte prematura aos quase 30 anos de idade e à natureza “escandalosa” desse romance, teriam contribuído para o subsequente esquecimento do romance.

Seria apenas em meados do século XX que ativistas e literatos LGBT+, principalmente nos Estados Unidos, começariam a reinterpretá-la (assim como diversos outros textos da literatura das mais diversas épocas e culturas), oferecendo leituras anacrônicas acerca da representação da homossexualidade masculina, que passa a ser traduzida sob a ótica minoritária do sujeito gay. Sedgwick (1990, p. 1) aponta, de um lado, a ótica minoritária como aquela que almeja a “saída do armário”, gerando uma reificação excessiva da identidade. Nesse caso, categorizações de sexualidade são reforçadas, mas direcionadas sobretudo para uma comunidade distinta da maioria, portadora de uma identidade relativamente fixa, uma “minoría homossexual”. Já na ótica universalizante, por outro lado, o que se busca, segundo a estudiosa, é a quebra de binarismos; o que se quer, afinal, é reafirmar o desejo homoerótico como uma questão diretamente implicada na vida das pessoas de modo geral, sem distinção de gênero ou sexualidade.

No caso do romance de Caminha, a transformação de sua recepção pode atribuída ao fato de que o romance permite interpretações ambíguas em relação à raça e ao erotismo, mesmo considerando as limitadoras influências naturalistas, conforme a tradição de Zola e a influência positivista de Auguste Comte. Vale lembrar que naquela época a sexualidade na prosa literária era abordada com uma pretensa perspectiva científica, que supos-

3 Sugerimos a leitura do artigo “A passos macios e cautelosos, as mãos enluvadas: a primeira recepção de *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha”, de Maraisa Faria (2015). Importa mencionar que a primeira edição do romance foi lançada pelo editor Domingos Magalhães e pela Livraria Moderna, situada no Rio de Janeiro.

tamente representava de maneira neutra uma realidade considerada animalésca e determinada pelos impulsos da natureza humana. Green (2019, p. 20) conjectura a respeito da recepção do romance para um público leitor homossexual da época, mas reitera que a ausência de registros diretos torna impossível a tarefa de determinar se o romance teria proporcionado algum conforto para aqueles identificados como “frescos” ou “fanchonos” que frequentavam o largo do Rocio, ou se obra servia como uma forma de validação ou expressão para aqueles marginalizados por suas orientações sexuais.

No que se refere à alcunha *Bom Crioulo*, Green (2019, p. 11) comenta que, segundo as cargas semânticas do século XIX, referia-se a uma pessoa nascida nas Américas, o escravizado brasileiro, mas reitera que ela conserva ainda uma ambiguidade nos dias de hoje ao distinguir os nascidos no Brasil dos africanos nativos. O vocábulo “crioulo”, conforme aparece nos títulos nacionais, preserva com uma conotação pejorativa, que é amplificada pelo adjetivo “Bom”. No entanto, ele aponta no comentário a seguir que, no caso das traduções francesas, os títulos acabam “driblando” esses dilemas problemáticos e racistas da língua portuguesa, recriando-os com um léxico mais voltado à afetividade entre pessoas do mesmo sexo.

Uma edição francesa **estranhamente** chama o livro de *Un Amour d'Ébène*, ao passo que outra edição francesa e uma turca contornaram o problema do nome ao dar ao romance o título de *Rue de la Miséricorde* e *Merhamet Sokagi* [Rua da Misericórdia], respectivamente, em referência ao lugar no Rio de Janeiro onde Amaro e Aleixo moram quando estão de licença. A edição alemã, *Tropische Nächte* [Noites tropicais], oferece um título ainda mais ambíguo, que evita completamente a questão da raça, apenas situando a história numa terra longínqua e exótica onde paixões noturnas e libertinas dominam a trama. O livro foi traduzido para o inglês como *Bom Crioulo: The Black Man and the Cabin Boy*, mantendo o original, mas adicionando um subtítulo, em parte, parece, para incluir Aleixo na trama, dando ao romance o aspecto de uma história de amor inter-racial (Green, 2019, p. 11-12). [grifos nossos]

Além dos títulos mencionados acima, ele também nos lembra de outras traduções em que houve pequenas variações, mas sempre mantendo-se o foco na personagem do Bom Crioulo, como é o caso das duas edições espanholas, *Buen Criollo* (ambas de 2005), da mexicana *El Buen Negro* (2008), que evita a questão do cognato espanhol *criollo*, e da italiana, *Il negro* (2005), que enfatiza a raça de forma explícita, sem, no entanto, fazer uso pejorativo do adjetivo “Bom”. Tais estratégias revelam não apenas as problemáticas de tradução nesses respectivos contextos culturais, como nos mostram também uma maior conscientização desses aspectos relacionados a questões de raça e gênero, fornecendo ao leitor contemporâneo uma abordagem adaptativa e, em boa medida, subversiva, o que não ocorre em nenhuma das edições no contexto de chegada, em que o título permanece sempre inalterado (com exceção da correção ortográfica do hífen), mesmo em “edições críticas” mais recentes. A reescrita tradutória, nesse sentido, emerge como uma ferramenta crucial, talvez única, na reinterpretação de elementos históricos do romance naturalista considerados completamente inadequados para o contexto

atual, assim como ocorreu na atualização de léxico de diversas palavras da língua portuguesa ofensivas, como é o caso de “homossexualismo”, já caída em desuso.

2. A PRIMEIRA VERSÃO FRANCESA

Voltemos nosso olhar para a primeira tradução francesa, *Rue de la Miséricorde* (*Bom-Crioulo*). Surgiu através da modesta editora parisiense Métailié e integra uma coleção chamada Bibliothèqe Brésilienne. A responsável pela tradução foi Maryvonne Lapouge-Pettorelli, especializada na tradução de autores brasileiros como Machado de Assis, Guimarães Rosa e Clarice Lispector. Uma década mais tarde, ganharia uma segunda edição em 2007, em formato de bolso, omitindo a referência ao título original “Bom-Crioulo” que antes figurava apenas entre parênteses. Com exceção do título, ambas as edições são praticamente idênticas e apresentam apenas um breve pós-fácio assinado por Clélia Piza.

Figura 3: Capas da primeira e segunda edição de *Rue de la Miséricorde* (1996; 2007)



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

No breve comentário de Piza (1996), Caminha é caracterizado como um escritor que mescla a modernidade de seu projeto literário com a arcaicidade de um discurso que espelha a sociedade brasileira oitocentista e pré-republicana. Não há informações disponíveis sobre a escolha do título de forma explícita. Ela se limita a destacar que, apesar da temática audaciosa para a época, o autor parece restringir-se aos clichês do racismo científico em voga naquele período, sem se desvincular deles, o que era comum para realidade literária brasileira do final do século XIX, conforme lemos a seguir.

A crítica brasileira destaca a importância das escolhas de Adolfo Caminha ao abordar temas como pobreza, raça e paixão homossexual, mas ressalta que ele não ousa levar essas questões até o final de seu projeto. Isso não se aplica apenas a Adolfo Caminha. De acordo com Roberto Schwarz, o Brasil enfrenta um descompasso en-

tre a realidade vivida e as ideias ou teorias que têm origem em outras partes do mundo e circulam entre intelectuais, escritores e artistas. Uma vez desviadas de seu curso ao serem aplicadas localmente, essas ideias obrigam todos a improvisarem soluções. Assim, Adolfo Caminha só conseguiu sobrepor a modernidade de seu projeto à antiquada linguagem de um discurso que reflete a sociedade brasileira de sua época. A solução adotada era uma das opções disponíveis para os escritores na época, embora não fosse a única. Entretanto, ela oferece *insights* cruciais sobre os desafios enfrentados pelos escritores diante das influências globais e locais (Piza, 1996, p. 162).⁴ [tradução nossa]

O comentário sugere uma percepção das limitações do romance e da linguagem naturalista que hoje soaria obsoleto aos leitores franceses contemporâneos. A atualização do título *Rue de la Miséricorde* na edição de 2007 parece se distanciar de vez de tais problemáticas, colando em destaque o local onde as personagens centralizaram sua relação amorosa, na extinta Rua da Misericórdia, conferindo uma abordagem que, implicitamente, focaliza o amor impossível entre os amantes, transformando a histórica rua carioca no epicentro simbólico da sensibilidade e da compreensão da dor associada a esse amor proibido. A estratégia do título é interessante no sentido de reconhecer o elemento afetivo da narrativa, abrindo espaço para novas interpretações. Ao mesmo tempo, traduzir o nome da rua transplanta o texto para uma realidade que não existe mais.

Figura 4: Rua da Misericórdia – Rio de Janeiro



Fonte: MALTA, Augusto. “Rua da Misericórdia”. 1928. Gelatina/Prata, 17,4 x 24,0 cm, P&B. Coleção Pedro Corrêa do Lago. Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliانا/handle/20.500.12156.1/8142>. Acesso em:

4 “La critique brésilienne souligne l’importance des choix d’Adolfo Caminha quand il parle d’un pauvre, d’un Noir, d’une passion homosexuelle, mais elle rappelle qu’il n’ose pas aller jusqu’au terme de son projet. Cela ne concerne pas le seul Adolfo Caminha. Selon Roberto Schwarz, le Brésil souffre d’un décalage entre la réalité vécue et les idées ou les théories prenant naissance ailleurs dans le monde et circulant parmi les intellectuels, les écrivains, les artistes. Déviées de leur route une fois appliquées localement, elles obligent les uns et les autres à bricoler des solutions. Ainsi Adolfo Caminha n’a-t-il pu que juxtaposer la modernité de son projet et l’archaïsme d’un discours qui est l’image réfléchie de la société brésilienne de son temps. La solution adoptée est une des issues qui s’offraient alors aux écrivains. Elle n’était pas la seule. Mais elle permet de saisir les enjeux du temps”.

23 jan. 2024.

A escolha do título *Rue de la Miséricorde* para a tradução francesa focaliza um aspecto histórico importante da narrativa, principalmente aquilo que a rua representava em sua dualidade de ser tanto o espaço dos desafortunados quanto do amparo hospitalar, pois era ali onde ficava a Santa Casa da Misericórdia, fundada no século XVI, por intermédio da Companhia de Jesus. Assim sendo, podemos dizer que o título em francês transcende a mera localização geográfica, que contém uma referência cristã, mas que destaca a invisibilidade histórica dos marginalizados que frequentavam a rua, sobretudo a dos homossexuais, como se a tradução buscasse, de forma compassiva, redimir esses infelizes, algo que a narrativa oficial da História negligenciara.

O Rio de Janeiro ainda se lembra da triste celebridade que, há dez anos passados, tinha adquirido o lugar onde está hoje construído o hospital da Santa Casa. / Houve um período em que quase todas as manhãs os operários encontravam em algum barranco ou entre os cômodos de pedra e de areia, o cadáver de um homem que acabara de pôr termo à sua existência. / [...] Amantes infelizes, negociantes desgraçados, pais de família carregados de dívidas, homens ricos caídos na miséria, quase todos aí vinham, trazidos por um ímã irresistível, por uma fascinação diabólica. / *As Obras da Misericórdia*, como chamavam então este lugar, tinham a mesma reputação que o *Arco das Águas Livres* de Lisboa e a *Ponte Nova* de Paris. / Era o templo do suicídio, onde a fragilidade humana sacrificava em holocausto a esse ídolo sanguinário tantas vítimas arrancadas às suas famílias e aos seus amigos. / [...] Procurava-se de balde a causa daquela aberração fatal da natureza e não era possível explicá-la (Alencar, 1860, p. 42).

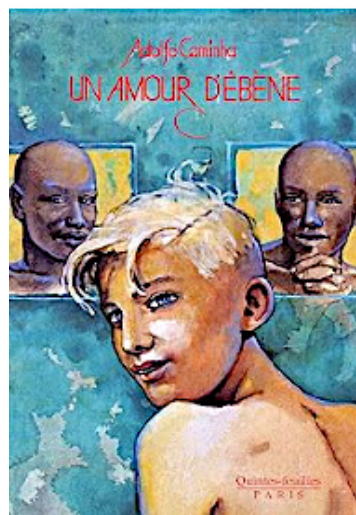
Antes de Caminha, a rua era frequentemente citada por autores brasileiros, como José de Alencar, em *A viuvinha*. Descrita pelo narrador como um local mal frequentado, é interessante observar como essa intertextualidade nos ajuda a melhor compreender a escolha dessa rua para subverter o título de Caminha na tradução da Métaillé. Podemos compreendê-la, possivelmente, não mais de um lugar unicamente feito de tragédias, de suicídios, mas sobretudo de compaixão, de afeto. Afinal, onde mais poderiam ter vivido os amantes indesejados, senão nela?

3. A SEGUNDA VERSÃO FRANCESA

Passemos agora ao projeto editorial mais recente, que traz o título *Un amour d'ébène*, considerado por Green (2019) como “estranho”, conforme vimos em sua citação anterior. Ela de fato se destaca das demais por adotar uma perspectiva queer mais subversiva, pois rompe de forma radical com o título original, priorizando o afeto de maneira mais universal ao combinar “amor” e “ébano”, usado aqui como um eufemismo para “negro”. A autoria é de Alexis Pereira de Gamboa e foi lançada pela jovem editora Quintes-feuilles, uma *Maison d'Édition* francesa especializada na publicação de obras voltadas para a história da homossexualidade, com ênfase especial em um aspecto negligenciado por outros editores: o amor por jovens garotos ou o que se

compreendia por “pederastia”. Fundada em 2000 por Jean-Claude Féray, as publicações da Quintes-feuilles incluem reedições de romances esquecidos em torno da temática homoerótica.

Figura 5: Capa de *Un amour d'ébène* (2010)



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Em uma nota final a respeito do título da tradução, além de comentar sobre os títulos anteriores, Féray (2010) justifica a substituição de “Bom Crioulo” devido à incompatibilidade com as nuances semânticas do francês.

Não era possível fornecer uma tradução fiel e concisa para o francês de “O Bom-Crioulo”. *Le Bon-Créole* teria sido inadequado, pois a palavra *créole* em francês possui uma nuance que não existe em brasileiro [sic], onde se refere a um negro nascido no Brasil em oposição aos negros nascidos na África. *Le Bon-Noir* teria omitido a informação que acabamos de explicar sobre a palavra *créole* em português brasileiro (Féray, 2010, p. 223). [tradução nossa]⁵

Ao optar por *Un amour d'ébène*, a tradução introduz elementos que ressoam com a reescritura queer, reinterpretando o romance de Adolfo Caminha de maneira mais inclusiva e universal. A substituição de *Bom Crioulo* por um título mais eufemista pode ser compreendida como uma tentativa de atualizar a narrativa para uma audiência contemporânea, incorporando sensibilidades pós-coloniais. Essa reflexão crítica de Féray (2010) sugere a complexidade das escolhas tradutórias em torno da questão racial e como essas decisões podem impactar a recepção e interpretação da obra em diferentes contextos culturais.

Em seguida, o editor faz uma breve análise da evolução dos títulos, alguns considerados por ele como mais “fiéis”, como os das edições em lín-

5 “Il n’était pas possible de donner une traduction fidèle, aussi brève, en français, de *O Bom-Crioulo*. En effet, *Le Bon-Créole* aurait été inadéquat, parce que le mot *créole* possède, en français, une nuance qu’il n’a pas en brésilien, où il désigne un Noir né au Brésil par opposition aux Noirs nés en Afrique. *Le Bon-Noir* aurait manqué l’information que nous venons d’expliquer du mot *créole* en brésilien”.

guas espanhola e italiana, e outros mais “livres”, como os da edição americana *The Black Man and The Cabin Boy* e o da alemã, *Tropische Nächte* [Noites Tropicais]. Justificando o seu título em francês, o editor afirma ter buscado se distanciar das edições da Métaillé, argumentando que esse título é excessivamente livre e por se limitar ao cenário amoroso onde o protagonista Amaro esconde seus relacionamentos com o jovem grumete, “amputando”, em sua visão, a sua dimensão marítima, as tempestades que antecedem a consumação do famoso “ato contra a natureza” (Féray, 2010, p. 223). Ele então evidencia a escolha do seu título, afirmando o seguinte:

Eu escolhi *Un Amour d'ébène* porque esse “amor de ébano” pode se referir ao herói Amaro – assim como dizemos “um amor de gato” ou “um amor de joaninha”, por exemplo. A palavra “ébano” remete tanto à cor da pele quanto à condição de escravo de Amaro em sua juventude: a escravatura foi designada pelo eufemismo “comércio de ébano”. “Um amor de ébano” é, de certa forma, uma forma poética de dizer “um bom negro”. / Além disso, a expressão “Um amor de ébano” pode muito bem se referir ao amor singular e apaixonado que o herói sente por Aleixo. / A ambiguidade de significado é aqui uma vantagem: sugere, de forma muito modesta, toda a riqueza de sentido de uma obra-prima que continua a inspirar comentários (Féray, 2010, p. 223-224). [tradução nossa]⁶

A metáfora do “amor de ébano” é explorada de maneira um tanto sensível, conectando-se tanto à cor da pele do protagonista quanto à sua condição de ex-escravizado, evocando o histórico “comércio de ébano” como um eufemismo para a escravatura. O comentário Féray (2010) demonstra que o título preferiu uma forma poética de transmitir a ideia de “um bom negro”, aludindo que nessas dualidades de significado, a obra passa a ganhar outras conotações históricas e sociais que envolvem o termo. A subversão, a nosso ver, se encontra na interpretação adicional de que a expressão também pode se referir ao amor singular e apaixonado entre os personagens. O que-er estaria, portanto, relacionado a essa abertura que sugere que a obra de Caminha é intrincada e suscetível a interpretações diversas, afastando-a, ainda que de forma aparente, de sua origem naturalista.

Em relação aos títulos das traduções francesas,⁷ que permanecem os

6 “J’ai choisi *Un Amour d’ébène*, parce que cet « amour d’ébène » peut désigner le héros Amaro – comme on dit « un amour de chat » ou « un amour de coccinelle » par exemple -, le mot ébène renvoyant à la fois à sa couleur de peau et à la condition d’esclave d’Amaro dans sa jeunesse : l’esclavage fut désigné par l’euphémisme « le commerce d’ébène ». *Un Amour d’Ébène* est, en quelque sorte, une forme poétique pour « Un bon Noir ». / Par ailleurs, l’expression « Un amour d’Ébène » [p. 224] peut tout aussi bien désigner l’amour singulier et passionnel que le héros éprouve pour Aleixo. / L’ambiguïté de signification était ici un atout : c’était suggérer, très modestement, toute la richesse de sens d’un chef d’œuvre qui n’a pas fini de susciter des commentaires”.

7 Em “*Notas e saídas*” sobre a tradução francesa (e outras traduções e edições) do romance “*Bom-Crioulo*”, Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra (2015), especialista na obra de Caminha, havia analisado as capas da tradução italiana, da edição portuguesa, de uma das traduções espanholas e de três edições brasileiras, chegando ainda comentar três excertos da tradução francesa realizada por Maryvonne Lapouge-Pettorelli, porém sem aprofundar suas análises textuais, ou mesmo sem mesmo mencionar a existência a edição da Quintes-Feuilles.

mais atuais até o momento, as estratégias adotadas dizem respeito não apenas a questões linguísticas e/ou literárias, mas também a novas abordagens conceituais voltadas à perspectiva queer. Percebemos, assim, que a primeira tradução da editora estadunidense Gay Sunshine Press, e a *Un amour d'ébène* divergem radicalmente em suas escolhas. No caso da primeira, essa adequação minoritarizante nos mostra o quanto as tensões culturais podem moldar a maneira pela qual a sexualidade estrangeira é construída e assimilada segundo interesses domésticos, aludindo ao desejo interracial de um homem negro e um “menino de convés”, um tanto fetichista, mais explícita e descritiva, preservando elementos da narrativa original, mas ao custo de uma potencial simplificação ou fixação de sentidos (minoritarização). Por outro lado, o título francês ousa ir além e recriar um título original de maneira mais poética e universal para aludir a esse amor impossível. Contudo, é possível questionar se essas traduções não continuam a reforçar estereótipos raciais, seja ao torná-los explícitos ou ao diluí-los de forma “eufemista”.

Uma reflexão crítica mais aprofundada pode sugerir que a tradução literária, especialmente quando lida com obras com potencial queer e que tratam de temáticas sensíveis como a questão racial, auxiliam-nos a pensar esses desafios como uma forma de resistência contra narrativas hegemônicas. A multiplicidade de abordagens e a constante revisão teórica contribuem para ampliar no campo da tradução o paradigma queer como um elemento capaz de reformular discursos culturais homofóbicos ou racistas.

Nesta trajetória de formatação de uma nebulosa conceitual aproximada a anseios diversos e múltiplas dicções, as dobraduras teóricas privilegiadas prestam-se a (re)inventar vivências e textualidades. Não se trata, contudo, de maquinar um cânone ao reverso ou de mendigar cubículos nas histórias da literatura e veículos contíguos. Trata-se, sim, de interpelar o campo literário através das chispas do desassossego, que pulsam vivas para além do armário ou do arco-íris, sombrias, em meios tons, matizes tantos, leques de letras sempre aberto a renovados ares e tonalidades furta-cor. Porque ainda se nos apresenta a imprescindibilidade de existir e resistir a réplicas anacrônicas, revigoradas por longas capas, novas roupagens, dos antigos sistemas e regimes que, por séculos, tentam negar-nos a vida e a arte. **Pode ser que ainda não tenhamos respostas definitivas** (Mitidieri, 2020, p. 91). [grifos nossos]

O título *Rue de la Miséricorde*, a nosso ver, traduz de forma implícita essa transformação significativa, sugerindo que a sexualidade não está mais confinada à esfera privada, a ser ocultada, mas ao âmbito público. Conforme observado por Souza Júnior (2007, p. 40), “[a] sexualidade deixa de ser apenas um tema literário, tornando-se um elemento constitutivo de diversas identidades culturais”. Essa mudança reflete uma alteração na percepção da sexualidade, que deixa de ser considerada uma patologia ou algo desviante. Os títulos em francês sugerem, portanto, uma ressurgência do passado literário sob uma nova luz, destacando que a compreensão plena de obras antigas só é possível por meio da reescrita tradutória. Souza Júnior (2007, p. 63) segue comentando que “a sexualidade não é apenas um objeto de representação, mas a força motriz por trás de discursos sobre essa re-

apresentação, abrindo possibilidades éticas e estéticas infinitas”, o que pode ser corroborado na prática quando observamos reformulação desses novos títulos.

4. Uma reescrita da subversão

Segundo o dicionário Michaelis, o vocábulo “subversão”, do latim *subversio*, *-onis*, tem pelo menos sete acepções distintas, das quais destacamos as seguintes:

Ato ou efeito de subverter(-se); [...] perversão moral; insubordinação ou revolta contra a autoridade, as leis, as instituições etc., contra as regras vigentes, aceitas pela maioria; destruição ou transformação da ordem estabelecida; (POLÍT) conjunto de ações que se realizam de maneira sistemática, com o objetivo de debilitar ou derrubar um sistema econômico, político ou social (Michaelis, 2015).⁸

Em suma, a subversão é identificada no âmbito literário como uma postura desafiadora que visa romper com paradigmas vigentes, questionar normas estabelecidas e propiciar espaço para novas formas de pensamento crítico. Conforme salientam Moreno e Oliveira (2001, p. 134), no campo da tradução a subversão pode questionar a ideia de que o tradutor deva ser “fiel” a um original considerado fixo em sua essência. Nessa perspectiva, o tradutor, como mediador entre autor e leitor, pode ou não considerar os princípios culturais, ideológicos e morais vigentes, incluindo as noções de permitido e proibido, decente e indecente, excluindo aquilo que não se adequa às normas de uma determinada época. A noção de internacionalização pressupõe aqui um certo universalismo “em nome de uma negação da estrutura antagonista e hierárquica do mundo, sob o pretexto de igualdade de todos em literatura” (Casanova, 2002, p. 194). Esses “centros da cultura” – a França no século XIX e os Estados Unidos a partir do século XX –, detentores do monopólio do universal por ocuparem uma posição econômica privilegiada, atuam para que a *diferença* se pareça com sua própria cultura (hegemônica). Tais mecanismos, reafirma Casanova (2021, p. 27), quase invisíveis, revelam assim qual literatura estrangeira merece ou não o direito de existir, ou seja, de serem traduzidas para suas línguas de prestígio e ganhar finalmente o reconhecimento literário, o status de uma literatura mundial.

Quiroga (2004), por sua vez, entende a literatura latino-americana que data do final do século XIX até meados do século XX como um espaço que possibilita a configuração de um homoerotismo com dialética própria, mas que foi, ao mesmo tempo, insistentemente negado tanto pela história como pela crítica tradicionais. Já Barcellos (2006, p. 87) nos atenta que é preciso afastar qualquer tipo de visão redutora acerca do homoerotismo, considerá-lo antes como parte de uma “ampla e complexa rede de textualizações

culturais, como o sistema de gênero, os regimes epistêmicos e os projetos identitários, cujo significado só pode ser apreendido no âmbito dos sistemas socioeconômicos e das estruturas de poder”. Nesse mesmo sentido, Balderston (2004) problematiza a história e crítica literárias, marcadas em sua visão por um excesso de “pudor” na análise do desejo homoerótico, frequentemente resistentes em assumir sua real dimensão.

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu tempo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana. (Santiago, 2000, p. 26).

A literatura em tradução, a partir dessa perspectiva, apropria-se de uma linguagem em prol de uma resistência contra valores moralistas e estruturas fixas impostos pela sociedade. Mas o que está mesmo em jogo, para além de técnicas linguísticas e jogos semânticos, acrescenta Regina Dalcastagnè (2012, p. 7), é a própria “possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele”. Para Dalcastagnè (2012, p. 147), a literatura brasileira se configura como um território contestado, suas pretensas identidades nacionais, difundidas desde o século XIX, passam a ser reivindicadas por grupos sociais específicos, abrem-se para “uma expressão artística” que se funda “exatamente na pluralidade de perspectivas”.

Através da reescrita⁹ de um texto para uma nova cultura, tais manipulações literárias são trazidas à tona. Por intermédio do processo tradutório será revelada uma gama de estratégias que podem acolher, negar ou mesmo filtrar a existência de tais pluralidades, de acordo com as necessidades do público-alvo, do Estado/Nação, das editoras, da religião etc. Havendo um maior reconhecimento das “assimetrias, injustiças, relações de dominação e dependência” que estariam imbricadas “em cada ato de tradução, em cada ato de colocar o traduzido a serviço da cultura tradutora” (Venuti, 2019, p. 16), a tradução passa a ser tida como uma forma de reescrita coletiva, da qual fazem parte leitores, tradutores e editores, entre outros atores, a partir de seus respectivos contextos histórico-geográficos. Um maior respeito às culturas traduzidas começa a ser vislumbrado a partir da “postura ética” advogada por Venuti, isto é, em que se privilegia uma reescrita que dê conta das diferenças linguísticas e culturais do texto de partida.

Parafraseando Baker (1992, p. 24), como podemos aspirar a qualquer tipo de equivalência, ou mesmo respeito à diferença, sem primeiro considerar as interseções entre linguagem e sexualidade? Como (re)configurar o homoerotismo e, mais crucialmente, que condições a língua/cultura de chegada pode oferecer para acolher a estranheza do texto original? Quais elementos subjetivos, por parte dos mediadores, entram em jogo? E, talvez o mais crucial, quais são as limitações da cultura-alvo ao recebê-lo? Essas e outras indagações e ressaltam a necessidade de um reconhecimento mais profundo da complexidade inerente a qualquer processo de reescrita.

Conforme observado por Harvey (2003), a tradução da ficção gay ame-

9 Com o auxílio de André Lefevere (1992, p. xi), reiteramos que todas as reescritas refletem uma certa ideologia e uma poética e, como tal, manipulam a literatura para funcionar em uma dada sociedade de uma determinada maneira.

ricana na França cria um espaço de negociação cultural que tensiona diretamente as fronteiras políticas francesas, impedindo a imposição de modelos minoritários em sua “concepção universal” de cidadania. Isso implica que tanto a concepção fixa de identidade (homo)sexual – agora compreendida não como algo substancial, mas sim relacional, a partir de uma perspectiva política que busca resistir às tendências normativas prevalentes – quanto a própria noção de ética na tradução são passíveis de problematização (BAER, 2021, p. 14). Harvey (2000, p. 148) já havia sugerido que a “literatura traduzida ocupa um lugar especial dentro do espaço da literatura para leitores gays” e que os “textos traduzidos podem sugerir modelos de alteridade” úteis para a formação de “identidades individuais” e de “comunidades imaginadas”. A noção de contexto histórico-cultural é reformulada em prol de ferramentas teóricas capazes de lidar com os aspectos tradutivos de narrativas atravessadas por aspectos sociais específicos.

5. Abordagem queer em tradução?

Para que uma abordagem queer possa se aliar à pesquisa em tradução, é imprescindível reconhecer que toda reescrita constitui uma forma de enunciação de natureza social.¹⁰ Esse processo, mediado por tradutores que frequentemente, em conformidade com interesses editoriais ou nacionais, podem eliminar consciente ou inconscientemente as configurações homoeróticas do texto literário, ou aquilo que Gramling (2019) identifica como “implicatura queer”.¹¹ Superando a concepção de implicatura conversacional segundo o modelo griciano¹² (Grice, 1975), esses textos literários forneceriam aos tradutores a opção – a partir da matéria-prima da cultura-alvo, algo nem sempre evidente – de reforçar ou atenuar (seja por censura, seja por valores morais etc.) as circunstâncias intra e extratextuais que sempre acompanham os enunciados marcados por tais implicaturas. Para Gramling (2019, p. 500), é imprescindível postular por um modo de tradução queer que reconheça as nuances dessas “zonas de articulação” e “fragmentação discursiva” em textos literários, moldados por uma linguagem aparentemente silenciosa, mas que, na verdade, acaba desocultando um conjunto de tessituras que impõe uma determinada “contingência estilística e simbólica”, um desafio a mais para o tradutor literário.

Neste breve estudo, propomos análise crítica das traduções francesas do romance naturalista brasileiro *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha,

10 Conforme nos lembra Lugarinho (2001, p. 39), é inevitável não reconhecer na teoria queer um certo amadurecimento da crítica pós-estruturalista – do pensamento de Jacques Derrida, da arqueologia de Michel Foucault –, influenciada ainda pelo campo da Análise do Discurso e outros campos da linguística.

11 Ou, ainda, como deseja Anselmo Peres Alós na sua proposta de epistemologia como política do conhecimento: as configurações de uma poética queer, isto é, uma poética que “oferece resistência às premissas heteronormativas.” (Alós, 2013, p. 35).

12 Lawrence Venuti lembra do forte domínio das abordagens linguísticas no início dos Estudos da Tradução, em que se pregava uma teoria com base no modelo conversacional griciano. Presumia-se que o tradutor deveria comunicar o texto estrangeiro de modo a não “frustrar” as expectativas do leitor doméstico (seja por meio da escolha dos textos, seja das estratégias tradutórias adotadas), de acordo com quatro “máximas”: “quantidade” de informação, “qualidade” ou veracidade, “relevância” ou consistência do contexto e “modo” ou clareza. (Venuti, 2019, p. 48).

amplamente reconhecido como um dos primeiros romances a ter no centro de sua narrativa um protagonista negro e homossexual. Por razões metodológicas, focamos apenas nas estratégias adotadas para os títulos dessas traduções, que ganham certa relevância dada a posição prestigiosa no cenário literário mundial. Essas traduções receberam títulos bem distantes do original: *Rue de la Miséricorde* e *Un amour d'ébène*. Nosso objetivo foi problematizar como o homoerotismo é recebido em um outro contexto político e sócio-histórico, e como ele é reconfigurado, a partir de um paradigma queer. Chegamos à conclusão de que eles parecem refletir uma visão mais atualizada daquela ultrapassada homossexualidade sob a ótica oitocentista, conforme verificamos em suas capas e outros discursos de acompanhamento. A pergunta que permanece em aberto para futuras investigações é: por que as edições nacionais, ao contrário das traduções, persistem em manter um título de natureza racista, sem ousar subvertê-lo?

Referências

- ALENCAR, José. **A viuvinha**. Rio de Janeiro: Garnier, 1860. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4658/1/000163_COMPLETO.pdf. Acesso em: 14 jan. 2024.
- ALÓS, Anselmo Peres. **A letra, o corpo e o desejo: masculinidades subversivas no romance latinoamericano**. Florianópolis: Mulheres, 2013.
- BAER, Brian James. **Queer Theory and Translation Studies: Language, Politics, Desire**. London; New York: Routledge, 2021.
- BAKER, Mona. **In Other Words: a coursebook on translation**. London; New York, NY: Routledge, 1992.
- BALDERSTON, Daniel. **El Deseo, enorme cicatriz luminosa: Ensayos sobre homosexualidades latinoamericanas**. Rosario: Beatriz Viterbo, 2004.
- BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e Homoerotismo em Questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
- BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Notas e “saídas” sobre a tradução francesa (e outras traduções e edições) do romance “Bom-Crioulo”. **CLARABOIA: Revista do Curso de Letras da UENP**, Jacarezinho, v. 1, n. 2, p. 72-97, jan./jun. 2015.
- BRAZ, Albert. Tropical Escapes: Canadian Travellers, Latin America, and Sex. **Canadian Review of Comparative Literature / Revue Canadienne de Littérature Comparée**, vol. 45, n. 2, p. 300-314, 2018.
- CAMINHA, Adolfo. **Bom Crioulo: The Black Man and the Cabin Boy**. Tradução: Edward A. Lacey. São Francisco: Gay Sunshine Press, 1982.
- _____. **Tropische Nächte**. Tradução: Rui Magone. Berlim: Bruno Gmünder, 1994.
- _____. **Rue de la Miséricorde (Bom-Crioulo)**. 1ª. ed. Tradução: Maryvonne Lapouge-Petorelli. Paris: Métailié, 1996.
- _____. **Merhamet sokağı**. Tradução: Necati Erkut. Istanbul: Telos Yayıncılık, 1996.
- _____. **Buen Criollo**. Tradução: Ángeles Caso. Valência: Pre-Textos, 2005.

- _____. **Buen Criollo**. Tradução: Mario Merlino. Barcelona: Egales, 2005.
- _____. **Il Negro**. Tradução: Vincenzo Barca. Roma: Playground, 2005.
- _____. **Rue de la Miséricorde**. 2ª. ed. Tradução: Maryvonne Lapouge-Petorelli. Paris: Métailié, 2007.
- _____. **El buen negro**. Tradução: Luis Zapata. México: Quimera, 2008.
- _____. **Un amour d'ébène**. Tradução: Alexis Pereira de Gamboa. Paris: Quintes-feuilles, 2010.
- _____. **Bom Crioulo**. São Paulo: Todavia, 2019.
- CASANOVA, Pascale. **A língua mundial: tradução e dominação**. Tradução: Marie Helene Torres. Florianópolis: EDUFSC, 2021.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ; Vinhedo: Horizonte, 2012.
- DOMÍNGUEZ-RUVALCABA, Hector. **Translating the Queer: Body Politics and Transnational Conversations**. London: Zed Books, 2016.
- FARIA, Maraísa. A passos macios e cautelosos, as mãos enluvadas: a primeira recepção de Bom-Crioulo (1895), de Adolfo Caminha. **Soletras – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ**, v. 2, n. 30, p. 72-89, jul./dez. 2015.
- FÉRAY, Jean-Claude. Bom Crioulo : roman scandaleux pour les contemporains, chef-d'œuvre naturaliste pour la postérité. In: CAMINHA, Adolfo. **Un amour d'ébène**. Tradução: Alexis Pereira de Gamboa. Paris: Quintes-Feuilles, 2010, p. 195-224.
- GRAMLING, David. Queer/LGBT approaches. In: WASHBOURNE, Kelly; WYKE, Ben Van (eds.), **The Routledge Handbook of Literary Translation**. Abingdon, Oxon; New York: Routledge, 2019, p. 495-507
- GREEN, James N. Introdução. In: CAMINHA, Adolfo. **Bom Crioulo**. São Paulo: Todavia, 2019, p. 7-20
- GRICE, Herbert Paul. Logic and Conversation. In: DAVIDSON, Donald; HARMAN, Gilbert (eds.). **The Logic of Grammar**. Encino; Belmont: Dickenson, 1975, p. 64-75,
- HARVEY, Keith. Gay community, gay identity and the translated text. **TTR: traduction, terminologie, rédaction**, v. 13, n. 1, p. 137-165, 2000.
- HARVEY, Keith. **Intercultural Movements: American Gay in French Translation**. Manchester; Northampton: St. Jerome Publishing, 2003.
- LEFEVERE, André. **Translation / history / culture: a sourcebook**. London; New York: Routledge, 1992.
- LEYLAND, Winston. (ed.). **Now the Volcano: An Anthology of Latin American Gay Literature**. San Francisco: Gay Sunshine Press, 1979.
- LUGARINHO, Mário César. Como traduzir a Teoria Queer para a língua portuguesa. **GÊNERO: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG**, v. 1, n. 2, p. 36-46, 2001.
- MAZZEI, Cristiano. **Queering Translation Studies**. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de Massachusetts Amherst. 2007.
- MITIDIERI, André Luis. Literatura brasileira e (re)configurações transviadas. **Revista de literatura brasileira**, v. 33, n. 61, p. 58-76, 2020.
- PIZA, Clélia. Postface. In: CAMINHA, Adolfo. **Rue de la Miséricorde (Bom-Crioulo)**. 1ª. ed. Tradução: Maryvonne Lapouge-Petorelli. Paris: Métailié, 1996.

QUIROGA, José. Prólogo. Impudor y luminosidade: homosexualidad y literatura. In: BALDERSTON, Daniel. **El Deseo, enorme cicatriz luminosa**: Ensayos sobre homosexualidades latinoamericanas. Rosario: Beatriz Viterbo, 2004.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the closet**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1990.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux de. **Herdeiros de Sísifo**: teoria da literatura e homoerotismo. Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2007.

VENUTI, L. **Escândalos da tradução**: por uma ética da diferença. Tradução: Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ZAMOSTNY, J. Canon formation and diversity: latin american gay literature in the global market. **Chasqui**, vol. 40, no. 2, p. 80-94, 2011.